

COLUNA

**BOMBASTIC**

*Jojo Campos*

**O que uma adolescente negra faz no Girl Up St. Paul's?**

Depois de algum tempo sem publicar artigos, a Coluna Bombastic ressurgiu das cinzas com o intuito de contribuir para maior divulgação dos trabalhos de ativistas negros, LGBTQIAP+ e engajados na defesa de minorias, de ações em prol dos direitos humanos e da promoção de cidadania. Como carta de reinauguração, a coluna entrevistou uma jovem ativista negra, bissexual, judia e militante feminista do Girl Up chamada Sara Lawrence Bueno (17 anos). Antes de tudo, vamos dar um Up na história do coletivo e saber o que as adolescentes como a Sara têm feito nele.

O Girl Up St. Paul's é um coletivo feminista que faz parte de um movimento global da Fundação das Nações Unidas. Nosso principal objetivo é instruir o empoderamento feminino e igualdade de gênero, em busca de um futuro melhor. Ao todo, existem mais de 3,000 grupos do Girl Up numa escala global, além dos programas de desenvolvimento de liderança deste movimento terem impactado mais de 65,000 meninas. Segundo Bueno (2022), “o Girl Up St. Paul's foi introduzido à nossa escola em 2020, e vem crescendo exponencialmente nos últimos anos.” O coletivo foi iniciado com uma proposta que se reunia para discutir assuntos atuais, criando um espaço seguro para as mulheres se relacionarem umas com as outras, abordando questões complexas que enfrentamos diariamente na sociedade contemporânea.



Figura 1 - Foto do acervo pessoal de Sara Lawrence Bueno

**“Hoje em dia, além de providenciar uma rede de apoio feminina, focamos bastante no ativismo prático e colocamos a mão na massa. Por exemplo, iniciamos um projeto de arrecadação de absorventes para as**

## **mulheres da Comunidade Jardim Pantanal em São Paulo.” (Sara Lawrence Bueno, 17 anos)**

Houve doações de milhares destes produtos de higiene e até produção de um vídeo contendo uma série de entrevistas com as mulheres da comunidade onde elas abordavam as suas experiências com a pobreza menstrual. Este vídeo foi transmitido na escola das meninas e, por meio da conscientização, conseguiram influenciar as pessoas a fazerem mais doações e a quebrarem o tabu da menstruação. De acordo com Bueno (2022), “o Girl Up vem sendo extremamente beneficiário tanto para nós, como membros, quanto para mulheres em estado de vulnerabilidade social.”

Um das evoluções recentes do coletivo foi o fato de haver inclusão de diversidade nas pautas sociais e ideológicas. A experiência de ser líder do Girl Up St. Paul inclui a promoção do reforço à importância de inserir temas raciais e LGBTQIAP+ nas discussões semanais e nos conteúdos do Instagram.

Como mulher negra, acredito que tenho muito a oferecer e ensinar para este coletivo majoritariamente branco. Para termos mais representatividade queer, temos dois novos membros no clube que fazem parte da comunidade trans e homossexual. (BUENO, 2022)

O trabalho de contribuição acaba sendo de grande destaque para o projeto e de suporte para abranger ainda mais pessoas no ativismo, independentemente de suas identidades, gênero e orientação sexual. Para o Girl Up St. Paul's, além do feminismo, é de importância levantar e defender a bandeira antirracista e a LBTQIAP+, pois não são somente as mulheres que sofrem diariamente com desigualdades sociais. O objetivo é lutar por equidade e justiça geral, e para todes.

Sobre o ativismo nas redes sociais, Bueno (2022) afirma que “a atuação tanto no mundo virtual, como nas ruas, por meio de um ativismo ativo é de grande soma. Há vários posts no Instagram e um cronograma de postagens organizado.” Durante um período da história do núcleo, o principal foco foi



Figura 2 - Foto do acervo pessoal de Sara Lawrence Bueno

exatamente as redes sociais. Porém, o momento de agir presencialmente chegou mais cedo o que o esperado. Em ações práticas, em 2022, houve uma campanha de arrecadação de absorventes para combater a pobreza menstrual, a organização de um evento com a deputada federal Tabata Amaral (PSB-SP) para a discussão de oportunidades educacionais

para meninas, a arrecadação de fundos para o programa de bolsas da escola, uma campanha do “Outubro Rosa” e a coordenação da primeira semana dedicada ao combate da violência contra mulher na St. Paul’s – onde aconteceu diversas atividades para o corpo estudantil. No geral, o ativismo do Girl Up ocorre tanto nas redes sociais, quanto diretamente nas ruas.

Quanto aos impactos das ações do grupo, 2022 foi um ano de muitos impactos sociais. Conforme mencionado, o projeto de mais destaque este ano foi a campanha de arrecadação de absorventes em parceria com o Projeto Fluir. “Na primeira distribuição, doamos 11,280 absorventes, na segunda 18,240 e as próximas distribuições foram projetos independentes do Fluir, então não temos os números exatos.” (BUENO, 2022) Independente disso, houve impacto na vida de diversas mulheres, sem sombra de dúvidas.

Em relação ao acolhimento e ingresso de novas integrantes, o Girl Up St. Paul’s está de portas abertas para a militância feminista. Entretanto, conforme Sara Lawrence Bueno (2022), “antes de serem permitidas de entrarem no grupo, ocorre uma série de entrevistas para ver se de fato, essa pessoa irá contribuir positivamente ao projeto.” Isso foi uma estratégia adotada para evitar que estudantes oportunistas se aproveitem apenas das horas extras do projeto, sem de fato contribuir com as ações. Entretanto, todas as participantes atuais fazem um ótimo trabalho e juntas, estamos sempre evoluindo.

Dentre as metas para o ano de 2023, está a inserção em um diálogo mais próximo com outros coletivos e associações de juventudes para a promoção do empoderamento de meninas negras, LBTQIAP+ e militantes do movimento feminista. Já em relação ao ano de 2022, com muito orgulho das todas as conquistas, houve um encerramento muito produtivo. Conforme Bueno (2022), “atualmente, há um projeto fantástico onde o objetivo é fornecer workshops para meninas adolescentes em comunidades e escolas públicas. Esta ideia surgiu através das entrevistas com as mulheres do Jardim Pantanal.” É importante que enfatizar o começo do processo de desenvolvimento desta ideia pelo impacto das entrevistas e das ações anteriores. De qualquer forma, o machismo segue sendo um tema recorrente no dia a dia das mulheres, mantendo uma luta constante, e fica claro que há um avanço com a contribuição individual e coletiva das adolescentes.

**“Convido todo mundo a se juntar a nós e tentar combater a desigualdade de gênero, pois não é algo que se combate individualmente. Como um coletivo, podemos instruir a igualdade na sociedade e tornar a realidade de todes ainda melhor!” (Sara Lawrence Bueno, 17 anos)**

## REFERÊNCIAS

BUENO, Sara Lawrence. O que uma adolescente negra faz no Girl UI St. Paul's [Entrevista concedida a] Jordana de Sena Campos. **Acervo pessoal**, 22 de dez. de 2022.